

O VERBO BATER SOB A ÓTICA DA GRAMATICALIZAÇÃO

Alvanira Lucia de Barros/UFPB

Introdução

O presente texto apresenta uma reflexão sobre a descrição do verbo *bater* sob o enfoque dos aspectos sintático-semânticos e pragmáticos. Nosso objetivo é mostrar uma trajetória que parte do sentido mais concreto para o mais abstrato, considerando os contextos em que o verbo se insere e as funções por ele desempenhadas na sua forma mais abstrata. A referida descrição apresenta, como aparato teórico, o paradigma da gramaticalização e sua relação com a abordagem cognitiva da metáfora de Johnson e Lakoff (2002).

Partimos do ponto de vista de que é preciso considerar uma postura metodológica que incorpore o homem como produtor de discursos significativos. Nessa perspectiva, é nosso intento fazer uma análise lingüística relacionando mente, linguagem e sociedade. Além disso, compreender sua relação com os aspectos externos, sociais e históricos da linguagem. Esse olhar possibilita esclarecer fenômenos cognitivos que permeiam o fenômeno da língua.

Pesquisadores cognitivistas, como Johnson e Lakoff (2002), propõem que a linguagem seja enfocada como uma forma de ação incorporada no mundo às outras capacidades cognitivas. Para eles, a mente é um fenômeno fundamentalmente corporificado. Os aspectos motores e perceptuais, assim como o raciocínio, estão intimamente relacionados e por isso a linguagem reflete essa relação mente e corpo. Por exemplo, temos, na concepção do conceito de cores, a noção de verdade que oscila de acordo com as nossas capacidades perceptuais e motoras situadas nos chamados níveis básicos (ROSCH apud KOCK et al, 2004).

Fazer parte de uma categoria não implica em demarcar limites, mas estar numa linha aproximada ou mais distante do eixo central – os protótipos. Koch et al (2004, p. 276) muito apropriadamente define a noção de categoria e protótipos:

Para um ente pertencer a uma determinada categoria, ele não necessita exibir certas características, preencher determinados requisitos que definem o que é fazer parte de uma categoria qualquer. Fazer parte de uma categoria não é questão de sim ou não. Existem membros mais centrais em cada categoria e outros mais marginais, e os elementos que estão no centro tendem a ser considerados como os protótipos dessa categoria.

Como se vê, as categorias exibem graus de atributos que indicam uma hierarquia específica, com alguns membros ocupando uma posição central ou básica, outros se afastando e se tornando mais abstratos ou mais específicos dentro de uma categoria X. Por exemplo, considerando os itens a seguir:

1. O sino *bateu* foi à hora da Ave Maria; (BORBA, 1999)
2. Não gosto de *bater* em fedelho; (Corpus Folha de São Paulo, 1999)
3. ...ver se os projéteis do Palmeiras vão *bater* com os meus... (Idem)

Temos, nos itens (1 e 2), o verbo *bater* como uma categoria que está no nível básico; no sentido mais concreto da palavra, diferentemente do que ocorre em (3), um sentido mais abstrato em relação à noção concreta referente ao verbo.

O nível básico ou central serve como o parâmetro de referência para traçar a linha hierárquica que guiará toda a categoria em relação a sua referência básica. Ou seja, é o nível mais geral a partir do qual derivam-se atributos que se aproximam ou se afastam do eixo básico protótipo da palavra.

Nesse contexto, pode-se observar que o trajeto do verbo *bater* pode ser disposto numa gradação de prototipicidade (ROSA, 2005), considerando a capacidade de manifestação dos falantes. Analisaremos construções lexicais nas quais o verbo *bater* percorre um trajeto que parte do nível básico para conceitos mais abstratos.

A seguir, uma breve incursão teórica: o funcionalismo lingüístico e o valor cognitivo da metáfora.

2. O funcionalismo lingüístico e o valor cognitivo da metáfora

O funcionalismo lingüístico se destaca das abordagens formalistas conhecidas como estruturalismo e gerativismo, principalmente, por conceber a linguagem como um instrumento de interação social. Além disso, por cruzar os eventuais fatores lingüísticos com os contextos discursivos de uso.

A base da gramática funcional reside na noção de instrumentalidade da língua e na sistematicidade de sua estrutura. A gramática funcional explica as regularidades das línguas e, através destas, os aspectos recorrentes nas circunstâncias em que as pessoas as usam. A gramática funcional ocupa, assim, uma posição intermediária em relação às abordagens que dão conta apenas da sistematicidade da estrutura da língua ou da instrumentalidade do uso da língua.

A tendência funcional se baseia na função exercida pelas unidades estruturais e em processos diacrônicos recorrentes que encontram, em sua maioria, uma motivação funcional. A linguagem é tomada como uma ferramenta que se adapta às funções que exercem, sendo assim, podendo ser explicada com base nessas funções, que são, em última instância, comunicativas.

O ponto de vista funcional é também encontrado na Escola Lingüística de Praga, cujos herdeiros mais importantes são Roman Jakobson e André Martinet (LEPSCHY, 1975). Jakobson acrescentou outras funções às três de Bühler, ampliando a noção de função da linguagem restrita a referência para um total de seis funções da linguagem, as quais são relacionadas a fatores intervenientes no ato de comunicação verbal, como por exemplo: ao contexto, função referencial; ao remetente, função emotiva; ao destinatário, função conativa; ao contato, função fática; ao código, função metalingüística, e, à mensagem, função poética.

Entre esses seis fatores envolvidos no processo de comunicação existe a predominância de uma função num determinado enunciado, outra noutro enunciado, configurando-se, em cada mensagem, a existência de uma função primária em detrimento das secundárias.

A proposição de que toda a explicação lingüística deve ser baseada na relação entre linguagem, uso e contexto social, conduz à tarefa de explicar o fenômeno lingüístico tendo como referência o contexto sócio-interacional no qual estão situados falante, ouvinte e a pressuposta informação pragmática de ambos.

A perspectiva da linguagem como instrumento de interação social tem por objetivo revelar a instrumentalidade da linguagem no quadro das circunstâncias sociais. Dik (apud NEVES, 1997) considera que o processo de interação verbal é uma atividade cooperativa estruturada em torno de regras sociais e convenções. Por sua vez, as regras inerentemente lingüísticas devem ser consideradas instrumentais em relação aos objetivos comunicativos da interação verbal. Por isso, o compromisso primeiro do enfoque funcionalista é descrever a linguagem não como um fim em si mesmo, mas como uma condição pragmática da interação verbal.

São muitas as escolas e tendências funcionalistas de caráter não homogêneo. Como decorrência, o termo “funcional” é relativo a uma variedade de modelos teóricos, de modo que se torna difícil a existência de uma teoria que seja compartilhada por todos que se identificam com a corrente funcionalista. Porém, todas apresentam uma base comum: a de que uma análise lingüística deve levar em consideração o componente discursivo que desempenha um papel preponderante na gramática de uma língua.

Alves (2001) afirma que a abordagem de um fenômeno lingüístico nem sempre deve estar restrita a uma linha de pesquisa com um universo teórico limitado. Dessa forma, uma análise das representações discursivas das estruturas lingüísticas do português deve contemplar abordagens sintático-semântica e pragmática.

No nível sintático, as funções gramaticais derivam das formas de organização e estruturação lingüística que são determinadas pelo elemento principal: o verbo e seus argumentos. No nível semântico, o conhecimento dependerá do alcance, por parte dos interlocutores, dos significados das palavras envolvidas no discurso. No nível pragmático, é

considerado o contexto situacional, espaço de produção do discurso, além das intenções comunicativas do falante ao utilizar determinados recursos lingüísticos, “que podem funcionar como índices do fluxo discursivo/informacional”. (ALVES, 2001, p. 45).

O papel do componente discursivo na gramática tem sido ilustrado por estudos diversos. O clássico estudo de Hopper e Thompson (1980) que defende a interferência de fatores discursivos no mecanismo da transitividade, considera que o pensamento e a comunicação humana registram o universo individual como uma hierarquia de graus de centralidade/perifericidade, objetivando facilitar a representação interna e sua exteriorização para as pessoas. O percurso hierárquico de graus vai incidir no *status* prototípico.

Nessa perspectiva, os usuários da língua constroem suas sentenças de acordo com seus objetivos comunicativos e com sua percepção das necessidades do ouvinte. Por isso, nos eventos de fala, algumas partes do que se diz são mais relevantes que outras. Tais relevâncias dão sustentação, ampliam o discurso e são denominadas de fundo; enquanto o material que fornece os pontos principais do discurso denomina-se de figura (PEZATTI, 2004, P. 190).

A parte da figura compreende o esqueleto do texto; sua estrutura básica, e, como tal, contribui para o discurso progredir, enquanto a parte de fundo vai além dessa estrutura básica sem fazer parte da coerência estrutural, portanto, sem contribuir para a progressão discursiva.

Para Pezatti (2004) as línguas possuem recursos morfológicos e sintáticos que refletem o relevo discursivo, apontando, em outros termos, indícios que denotam se uma sentença é figura ou fundo. Esses meios variam desde partículas discursivas, colocadas em pontos estratégicos para prevenir o ouvinte de que a oração corrente ou subsequente é fundo ou figura, até a elaboração de paradigmas verbais (tempo e aspecto) especializados para essa distinção.

Esses apontamentos justificam nossa proposta de análise. Esta pode ser concretizada com a aplicação do modelo funcionalista e sua relação com a abordagem cognitiva da metáfora de Johnson e Lakoff (2002). Acreditamos que essa abordagem possibilita uma interpretação das diversas formas de realização da linguagem, uma vez que a significação das palavras não surge apenas em função do aspecto puramente lingüístico, mas decorrem igualmente das condições de produção.

Para a tradição retórica iniciada com Aristóteles no século IV a. C., a metáfora era considerada apenas um fenômeno de linguagem, um ornamento lingüístico, sem valor cognitivo. Também era entendida como um desvio da linguagem usual, própria de linguagem especial, presente na poética e persuasiva. Além disso, era tida como indesejável no discurso científico, que, por sua vez, apresentava como marca principal o mito do objetivismo característico da cultura ocidental, especialmente na sua filosofia, dos pré-socráticos até hoje.

O mito do objetivismo entendia a linguagem de forma literal, clara, precisa e determinada. A ciência se fazia com razão e o literal, enquanto a poesia se fazia com a imaginação e a metáfora.

A partir do século XX, inicialmente na filosofia, começa a surgir mudanças nesse quadro. Nesse contexto, o mito da metáfora, como figura de retórica, começa a ser questionado por vários filósofos, entre os quais destacam-se Ricoeur, Bearsdley e Black apud Lakoff e Johnson. (2002, p.12)

Um dos pontos básicos da mudança paradigmática refere-se à rejeição do pressuposto objetivista, segundo o qual nosso acesso às verdades absolutas e incondicionais sobre o mundo se dá por meio da razão, conforme a tradição racionalista de Aristóteles, Descartes e Kant, ou por meio da percepção sensorial, com Locke e Hobbes.

Nesse momento a visão tradicional a respeito da metáfora e da linguagem figurada, em geral, passa a ser objeto de revisão crítica. A metáfora passa, então, a ter seu valor cognitivo reconhecido, mudando do *status* de uma simples figura de retórica para o de uma operação cognitiva fundamental.

Assim, a partir da década de 1970, a metáfora passa a ser um importante objeto de interesse das ciências humanas, especialmente das ciências da linguagem e da psicologia cognitiva.

Na década de 1980, *Metáforas da vida cotidiana*, de Lakoff e Johnson, efetivamente, provoca uma revolução nas pesquisas sobre metáfora, por introduzir um caminho diferente do percorrido pelos psicólogos e cognitivistas. Lakoff e Johnson (2002) partindo da análise de

expressões lingüísticas, inferiram um sistema conceptual metafórico, subjacente à linguagem, que influencia nosso pensamento e nossa ação.

Entendemos que o processo gradual de mudança de *status* de um verbo como *bater* pode-se estabelecer pela apropriação de novo sentido do termo que é dado pelo falante/ouvinte de uma comunidade, em contextos específicos.

Na próxima etapa faremos uma retrospectiva histórica acerca do verbo *bater*.

3. Uma retrospectiva histórica

Essa retrospectiva não é exaustiva, mas nos permite uma visão suficiente em termos de registros lingüísticos da significação desse item lexical.

Para Saraíva (2000), a passagem do verbo *bater*, do latim para o português, originou-se, primeiramente, no latim clássico *bāttũ* ou *bātũ*, *īs*, *i*, *ērē*, verbos transitivos e intransitivos. PLAUT. *Bater*, cascar, dar massada, desancar, tundar, verberar. § Combater, lutar. *Battuere cum aliquo rudibus*. SUET. Bulhar, brigar com alguém. § (?) PLIN. Apertar, comprimir.

Borba (1990), no Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil, considera o verbo *bater* do ponto de vista da natureza das relações estabelecidas entre predicado e argumento, por ser esta a responsável pelo estatuto sintático-semântico dos verbos.

Quadro da história do verbo BATER (BORBA, 1990)

I indica ação-processo 1. Com sujeito agente/causativo <ul style="list-style-type: none"> ✓ Quando passares bate a porta; ✓ Bati a tampa da caixa; ✓ O vento bateu o portão; 	V. Expressões: 1. bater a(s) bota(s) = morrer: <ul style="list-style-type: none"> • Um bocado deles já bateu a bota
2. Com sujeito agente expresso por nome animado <ul style="list-style-type: none"> ✓ O João-de-barro batia as asinhas doloridas; ✓ Os soldados fazem continência batendo os calcanhares. 	2. bater cabeça = errar, viver em desacerto: <ul style="list-style-type: none"> • O dia que você se cansar de bater cabeça, “tamos lá à sua espera”; 3. bater carteira = furtar, roubar: <ul style="list-style-type: none"> • Antonieta tentou bater-me a carteira. 4. bater palmas = aplaudir;
3. Com sujeito agente expresso por nome humano <ul style="list-style-type: none"> ✓ As mulheres lidavam com os guisados, em terrinhas batiam ovos; ✓ Lina já bateu o bife. 	<ul style="list-style-type: none"> • Mas toda a gente bateu palmas; 5. bater papo = conversar: <ul style="list-style-type: none"> • E continuei a beber e a bater papo; 6. bater pernas = andar à toa, perambular: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Pálido, encardido, dei para bater pernas de novo;
II Indica processo <ul style="list-style-type: none"> ✓ O sino bateu foi à hora da Ave Maria; ✓ Ficávamos imóveis ouvindo a campainha bater; ✓ O relógio da igreja protestante bateu onze badaladas. 	7. bater com a língua nos dentes = falar o que não deve, falar com indiscrição, revelar inconfidência: <ul style="list-style-type: none"> ✓ E se a danadinha batesse com a língua nos dentes? 8. bater a máquina = datilografar: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Se não, é como qualquer outra atividade, que é preciso tolerar de bom humor. Assim como bater à máquina;
III. Indica ação com sujeito agente <ul style="list-style-type: none"> ✓ É um verdadeiro crime os pais () baterem nos filhos; ✓ Não gosto de bater em fedelho; ✓ Acho que desta vez bateram pra valer. 	9. bater a foto ou a chapa = fotografar, radiografar: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ele aproveita e bate várias chapas;
IV Indica estado com sujeito inativo <ul style="list-style-type: none"> ✓ A rosa bate o cravo em perfume; 	10. bater o (cartão de) ponto = marcar o comparecimento:

<ul style="list-style-type: none"> ✓ Maria bate Joana em beleza; ✓ Há uma lingüiça lá na venda do Martins que bate qualquer camarão. 	Subo ao escritório e bato o ponto, 8:30 exato
--	---

Para Borba todo verbo tem de um a três argumentos. Assim, se o argumento for ativo superficialmente na função de sujeito, o verbo será de ação. Se for um verbo afetado, será de processo. Se for ativo ou causativo, implicando um argumento afetado/efetuado, será de ação-processo. Se for um verbo inativo, ou seja, não for nem ativo nem afetado, nem causativo, o verbo será de estado.

A partir do sentido etimológico *dar massada, tundar, combater, lutar, verberar, dar pancadas, brigar com alguém*, os significados do verbo *bater* podem ser distribuídos em dois eixos: *bater* no sentido concreto que implica uma ação, relativa a uma atividade (*Bati a tampa da caixa; O vento bateu o portão; A rosa bate o cravo em perfume*¹). E, *bater* como extensão desse sentido, no caso das expressões. No plano das expressões como “bater o bumbo”, “bater de frente”² podemos encontrar uma vasta produção em que o sentido semântico-sintático deste verbo aponta para um desgaste semântico.

Na realidade, ocorre um deslizamento semântico (VOTRE, 1996, P. 128) comum ao processo geral de gramaticalização, no qual o percurso do verbo *bater* vai ao encontro da proposta teórica de Johnson e Lakoff (2002) quando afirmam que a trajetória dos elementos lingüísticos tende a se encaminhar do sentido mais concreto para o mais abstrato.

A seguir explanaremos sobre o método de trabalho para o elencamento dos dados ora em análise.

4. Metodologia

Para a verificação do princípio da prototipicidade com o verbo *bater*, o universo da pesquisa deste estudo é constituído por uma amostragem de ocorrências obtidas no jornal a Folha de São Paulo, 1999, abrangendo os diversos gêneros textuais, além de dados coletados no Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil (BORBA et alii, 1990) e do Dicionário Latino-Português (SARAÍVA, 2000).

A intenção de abranger a modalidade escrita da língua tem por objetivo analisar textos de língua escrita produzidos por escritores que detenham o domínio do padrão da língua, os quais, por conseguinte, refletem a norma culta contemporânea.

Nesse momento, com a finalidade de verificar as funções e/ou contextos específicos em que o verbo *bater* aparece, selecionamos 10 registros de CLC, coletados no Jornal Folha de São Paulo.

Importante ressaltar que essa coleta não teve um caráter sistemático nem foi exaustiva, até por que se trata de uma amostra inicial. No entanto, a incompletude dos dados não desautoriza o levantamento, pois contempla as metáforas mais comuns, como “*bater papo*”, “*bater o bumbo*”, “*bater de frente*”.

Nossa proposta, portanto, é percorrer a trajetória verbal de *bater*, considerando seu funcionamento nos contextos de língua escrita, o qual experimenta um possível processo de gramaticalização, via metáforas.

A seguir, apresentamos um quadro expositivo de alguns exemplos retirados do nosso recorte.

¹ Exemplos retirados de Borba, 1999.

² Dados retirados do corpus Folha de São Paulo, 1999.

Quadro de análise – A prototipicidade do verbo Bater em CLC

CLC – BATER	FRASE EXPLICATIVA	(+/-)
1.Com o astral, o moral, o ânimo pra cima, como as pipas, o que pode embaçar tanta alegria? Espero que nada. Este é um daqueles momentos em que realmente as pessoas acreditam na suspensão das penas, das crises, das diferenças. Vou <u>bater em tintin</u> pelo Rio e pelo momento que vivi. E tentar não dar maior importância a alguns detalhes que incomodam.	Vou brindar pelo momento por esse momento de paz	---
2. Nós estávamos cheios de <u>bater de frente</u> com a insensibilidade das gravadoras. Não apenas estética que essa não adianta, mas também comercial, que chega ao absurdo de considerar uma banda que vende 50 mil unidades como um fracasso, diz Antunes, em referencia à dispensa da banda de Recife pela Sony.	Nós não nos entendíamos.	--
3. Se a questão era exatamente essa, porque, em vez de ouvi-los, preferiu <u>bater em retirada</u> , levando consigo o ministro da Justiça?	Preferiu sair	---
4.o Marcelinho tava pra <u>bater a falta</u> .	Cobrar falta (chutar a bola para fazer gol ou dar continuidade ao jogo).	---
5.A impressão que dá, num jogo, é que, se um jogador <u>bater o pé</u> mais forte...	se o jogador for decidido	-
6.A Miriam Leitão deve <u>bater muito o seu pezinho</u> .	A Miriam Leitão deve ficar irritada.	--
7. No embalo das festas de final de ano na Bahia, o mais novo casal de periquitos começa a <u>bater asas</u> . Junta o campeão dos superpenas Acelino Freitas, o Popó, e Carla Perez. Os dois estão circulando, juntinhos da silva em Salvador.	Popó e Carla Perez estão namorando.	---
8. <u>Bater martelo</u> contra essa política é péssima sentença para o país, sobretudo para áreas carentes de profissionais.	Tomar uma decisão favorável em relação a essa política.	--
9. A vida não é <u>esse bater</u> , terrível, fundo/no coração, não é compaixão, não é senão jogo sangrento onde a morte/se implora.	A vida não é melancolia...	---
10. Não vou <u>bater boca</u> com o Covas. Eu tenho mais o que fazer e espero que ele também.	Não vou discutir com o Covas.	+

(*)(*corpus VALPB*)

(+) = Mantém referência com o termo básico.

(-) = Afasta-se pouco de sua referência com o termo básico.

(--) = Afasta-se um pouco mais de sua referência com o termo básico.

(---) = Afasta-se muito de sua referência com o termo básico.

A ciência cognitiva tem revelado existir uma dependência entre as nossas capacidades perceptuais, as motoras e a formação de categorias situadas nos níveis básicos (ROSCH, apud KOCH et al, 2004). Tomamos o quadro dos verbos apresentado em Borba como referência para estabelecer o nível básico do verbo *bater*. Quanto mais próximo da referência básica, mais fácil de depreender a significação do verbo. É o que Koch (2004) chama de nível ótimo de percepção, no qual é possível formar uma imagem que represente toda categoria. É interessante

destacar a importância do contexto, pois como se percebe no item (7) só recorrendo a este se pode apontar sua significação.

Entendemos a capacidade de os falantes desenvolverem conceitos mais abstratos como consequência de sua percepção e de sua ação no mundo. E que, quanto mais abstratizam, se tornam mais produtivos do ponto de vista metafórico.

Nos exemplos acima, nos deparamos com realizações que adquirem um sentido pragmático, em função de sua contextualização e não de seus aspectos sintáticos.

A existência de categorias de níveis básicos revela que esta é a forma como percebemos e atuamos com os objetos. Esse é ponto de partida através do qual somos capazes de expandimos conceitos mais abstratos.

Em “*bater asas*”, mesmo que o campo da abstratização nos remeta para a idéia de partir, ou como vimos no item (7) estar junto, *bater* deixa de exercer uma ação propriamente dita. Há uma distancia maior entre a categoria prototípica e sua expansão. Na realidade, o que ocorre é a projeção metafórica na qual há aquisição de um novo significado.

Isso implica que considerar os movimentos discursivos que permeiam a gramática da língua é algo definidor para obtermos resultados que dêem conta da funcionalidade dos enunciados, nas circunstâncias pragmáticas, como bem destaca Azeredo:

O discurso se situa, inevitavelmente, no ponto de tensão entre dois pólos: a individualidade criativa do locutor/enunciador e o conjunto de variáveis que, externas a ele, limitam, condicionam ou afetam de diversos modos a enunciação: o código lingüístico, o interlocutor, o tempo, o espaço, a situação social, o conteúdo, crenças e valores culturais, o texto em processo, outros textos. (AZEREDO, 2000, p. 121)

Como se vê, a necessidade de se levar em conta o fato de a estrutura gramatical estar vinculada ao uso que se faz da língua, no contexto da situação comunicativa, impõe compreender a gramática motivada pelas circunstâncias específicas do uso.

A motivação para a ocorrência do processo de gramaticalização, tanto pode estar embasada nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações lingüísticas, ainda suficientemente adequadas. Devendo-se observar ainda que novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes.

Esta nossa reflexão evidencia que a regularidade das funções se estabelece com os usos do verbo *bater*. Esses usos estão relacionados a intenções de fala nas quais o falante opta por metaforizar seu dizer, abstraindo, talvez inconscientemente, o sentido mais concreto que exerce esse verbo na sua acepção inicial.

Sendo assim, o papel verbal desempenhado por *bater* aponta uma diversidade produtiva de expressões gramaticais, além de contextos pouco previsíveis.

Concluindo: a linha que vai do protótipo do verbo *bater* até seus usos mais abstratos revela particularidades cognitivas do falante e do grau de produtividade do português brasileiro. Razão que justifica o aprofundamento deste estudo.

Referências

- AZEREDO, José Carlos de.(2001) *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BORBA, Francisco da Silva (coord.).(1990) *Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: UNESP.
- Folha de São Paulo, (1998; 1999) Jornal. CD-ROM.
- PEZATTI, Erotilde Goreti.(2004) O funcionalismo em Lingüística. In: MUSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.) *Introdução à Lingüística – fundamentos epistemológicos* 3. São Paulo: Cortez, p. 165-218.

- GOMES, Nataniel dos Santos. Alguns princípios da teoria formal na formação em Letras: o caso dos verbos leves: no português do Brasil. In: MOLLICA, Maria Cecília. (org.) *Formação em Letras e Pesquisa em Linguagem*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.
- HOPER, Paul; THOMPSON, Sandra. (1980) *Transitivity in grammar and discourse*. Language, 56 (2), p. 251-299.
- KOCH, Ingedore Villaça e CUNHA-LIMA, Maria Luiza. (2004) Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.) *Introdução à Lingüística – fundamentos epistemológicos 3*. São Paulo: Cortez, p. 165-218.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. (2002) *Metáforas da vida cotidiana*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LEPSCHY, G. C. (1975) *A Lingüística Estrutural*. Trad. Nites et al. São Paulo: Perspectiva.
- MOLLICA, Maria Cecília (org.). (2004) *Formação em Letras e Pesquisa em Linguagem*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras.
- NEVES, Maria Helena de Moura. (2004) *Que gramática estudar na escola?* Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto.
- NEVES, Maria Helena de Moura. (2002) *A gramática, história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Contexto.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. (2000) *Dicionário Latino-Português*. Etimológico, Prosódico, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico etc. 11 ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Livraria Garnier.
- TURAZZA, Jeni Silva. (2002) *O verbo – uma abordagem léxico-semântica*. São Paulo: Annablume.
- VOTRE, Sebastião et al. (1996) *Gramatização no português do Brasil – uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro.